É A ECONOMIA ESTÚPIDO

Roberto Figueiredo Guimarães
Diretor da ABDIB e ex-Secretário do Tesouro Nacional

A frase cunhada por James Carville, estrategista da campanha de Bill Clinton nos Estados Unidos em 1992, “é a economia estúpido”, resume a ideia de que o desempenho da economia é o fator que mais pesa na decisão dos eleitores em uma eleição. Ele teria dito isto para manter a equipe de campanha focada nos problemas econômicos reais dos eleitores.

Vejamos se o Brasil é um bom exemplo disto.

No triênio 1981-83, o PIB caiu 6,3%. O descontentamento da população com a recessão e o desemprego culminou com o movimento das Diretas Já ocorrido em 1983-84. Em decorrência, o governo chamou as eleições indiretas para Presidente da República e, em 1985, foram eleitos Tancredo Neves e José Sarney.

No início dos anos 90, o então Presidente Collor, tendo recebido uma economia com hiperinflação, setor público quebrado e em moratória externa, bloqueou temporariamente a poupança e o PIB caiu 3,9% no triênio 1990-92. Com a perda de apoio popular num ambiente de recessão e aumento do desemprego, o Presidente Collor sofreu *impeachment*.

O terceiro período de recessão veio no biênio 2015-16, com o PIB caindo 7,5%. A recessão e o desemprego trouxeram o descontentamento popular e com ele o *impeachment* da Presidente Dilma e, em 2018, Jair Bolsonaro foi eleito Presidente.

A recessão voltou forte em 2020 (crise do Covid-19), com redução da oferta e demanda de bens e serviços em função do isolamento social. A inflação ultrapassou os 10% e o PIB desabou. Apesar da retomada da economia, a inflação e o desemprego continuaram elevados, e em 2022, foi eleito o Presidente Lula.

Agora, apesar do endividamento das famílias, elevadas taxas de juros e uma economia menos aquecida, o desemprego está baixíssimo e a remuneração real do trabalho encontra-se em níveis elevados. O Presidente Lula foi reeleito.

Parece que o Brasil é um bom exemplo para a tese de James Carville.